



“Nossa opção é usar bem o petróleo e nos transformamos em uma grande Noruega ou abrir mão para as multinacionais e continuar subdesenvolvido”

Fernando Siqueira

O movimento dos caminhoneiros das últimas semanas trouxe a todos emoções e razões para apoiá-los ou criticá-los. Para nós, servidores públicos, a certeza de que a união faz a força e assim se conseguem preservar e ampliar direitos e ver atendidas reivindicações legítimas.

Para aprofundar o debate suscitado pela forte mobilização dos motoristas, trazemos uma entrevista exclusiva do engenheiro Fernando Siqueira, diretor da Aepet (Associação dos Engenheiros da Petrobras), e atual presidente do Conselho Fiscal da Petros.

Siqueira analisa as razões que levaram a Petrobrás para a crise em que se encontra, em sua opinião, e apresenta propostas para a sua superação. Defende ainda um novo modelo de exploração do petróleo pelo país. Esperamos que apreciem.

O estopim para a greve dos caminhoneiros foi o aumento do preço do Diesel nas bombas. O que causou esse encarecimento do combustível?

Entre 1999 e 2002, Pedro Parente foi do Conselho de Administração, órgão máximo da Petrobrás e chegou à sua presidência. Junto com o presidente da Companhia, Philip Reichstul, eles montaram um plano de desnacionalização, que chegou a mudar o nome dela para Petrobráx. Na época houve uma



série de acidentes suspeitos (62 em dois anos para uma série histórica de menos de 1 por ano) que buscavam denegrir a imagem da Companhia para justificar a privatização. A dupla vendeu 36% das ações na bolsa de Nova Iorque por US\$ 5 bilhões e elas valiam mais de US\$ 100 bilhões. Eles dividiram a Companhia em 40 unidades de negócio visando transformá-las em subsidiárias e privatizá-las. Foi feita uma troca de ativos com a Repsol da Argentina para privatizar a primeira das unidades de negócio, a refinaria Alberto Pasqualini - a REFAP. Nesta troca de ativos foi gerado um

prejuízo de R\$ 2,2 bilhões contra a Petrobrás. Nós entramos na justiça e suspendemos o processo.

Em minha opinião, esta política de preços teve como objetivo principal jogar novamente a opinião pública contra a Petrobrás com o objetivo de justificar a privatização. No meu voto na assembleia de acionistas em 26/4 (ver www.aepet.org.br), eu mostro que os ativos já vendidos por Parente já geraram prejuízos superiores a R\$ 200 bilhões. E ele continuaria vendendo ativos, como refinarias e a malha de gasodutos do Nordeste. Essa política de preços gerou perdas irreparáveis para o País: “R\$ 32 bilhões deixaram de circular nos 10 dias de greve; a arrecadação de impostos caiu 5 bilhões no período; a atividades industriais caíram mais de 40%; a agricultura perdeu R\$ 6,6 bilhões; o comércio perdeu mais de 6 bilhões”. E a Petrobrás, devido à importação de combustíveis pelas distribuidoras privadas, teve uma ociosidade de 25% nas refinarias, com prejuízo de cerca de R\$ 20 bilhões, sem contar o agravante de que foi gerado mais desemprego no país.

O fato do Brasil ter se tornado autossuficiente em Petróleo em 2006 não deveria evitar isso? Nesse tempo não foram construídas refinarias para garantir também a autossuficiência no refino?

Claro. A produção nacional ajuda a evitar a necessidade de dolarizar os derivados de petróleo. No Governo Dilma foi feito um exagero ao contrário. Visando derrubar a inflação, Dilma obrigou a Petrobrás a importar petróleo e vender mais barato para as distribuidoras concorrentes. Isto foi um grande erro. Gerou prejuízo alto para a Companhia. Todavia, praticar aumentos diários de diesel, combustível social, que transporta alimentos e pessoas; no gás de cozinha, que pessoas pobres usam para cozinhar seus alimentos é um erro grosseiro. Todo mundo perdeu feio. Só os refinadores internacionais - americanos - ganharam.



A Petrobrás fica com 33% de participação na venda de gasolina para cobrir os custos de produção, transporte e refino. Os impostos ficam com 43%. A distribuição e revenda ficam com 12% e o álcool adicionado fica com 12%. Os impostos pesam bastante. Mas é possível manter um congelamento dos preços por períodos de cerca de três meses, por exemplo. No presente caso, tivemos condições duplamente adversas: o dólar subiu e o petróleo também. Mas o petróleo exportado compensava.

No caso do diesel, é um pouco mais favorável: a Petrobrás fica com 55%, os impostos com 27%; a distribuição e revenda ficam com 11% e a adição de biodiesel com 7%. Assim a Petrobrás tem uma margem mais favorável para conter os preços. E deixaria de ter perda por ociosidade nas refinarias.

Mas se o petróleo custa mais no exterior, vende-lo a um preço menor no país não causa prejuízo à Petrobrás? E se a decisão for essa, o prejuízo causado não deveria ser de responsabilidade do Tesouro Nacional?

Se o petróleo custa mais no exterior, pode-se vendê-lo por um preço ligeiramente abaixo sem que haja prejuízo considerável para a Companhia. É melhor fazer isto do que elevar os preços e gerar prejuízo com a ociosidade nas refinarias devido à importação de derivados. O pré-sal, hoje, responde por mais de 50% da produção nacional e os seus custos de produção são bem baixos. Assim, a Petrobrás pode exercer a sua função social de suprir o mercado nacional de derivados aos menores custos e gerando emprego e tecnologia no País. Todo mundo ganha, inclusive ela.



Em relação a essa questão, qual a mudança na política de preços adotada pelos últimos presidentes da Petrobrás: Gabrielli, Bendini e Parente?

Gabrielli, no governo Dilma exagerou, seguindo a determinação do Governo (o marqueteiro João Santana convenceu a Dilma em reduzir os preços para facilitar sua reeleição): a Petrobrás chegou a importar gasolina a R\$ 1,72 o litro e vender a R\$ 1,42. Isto foi equivocado. A Graça Foster chegou a praticar aumentos diários tentando recuperar as perdas anteriores. Bendini tentou manter os preços, mas não teve tempo, caiu logo. Aí veio o Parente e foi o desastre já descrito.

Considerando o acordo feito pelo governo Temer, o que podemos esperar para os próximos meses em relação aos preços, e ao custo para o Tesouro?

Eu acho que os preços vão ter um patamar por períodos de alguns meses. O Temer está muito desgastado e vai tentar conciliar, pelo menos no período pré-eleitoral. Ele quer apoiar e eleger alguém que lhe proporcione uma blindagem, um ministério, por exemplo, para impedir que ele vá preso. Ele tem três processos movidos pelo Ministério Público todos de suma gravidade.

Em sua avaliação como esses problemas dos preços e do custo ao Tesouro devem ser resolvidos?

Acho que se pode fixar os preços ligeiramente abaixo do mercado internacional, por períodos de três a quatro meses, por exemplo. A meu ver o preço do petróleo tende a subir ainda mais. Assim, de três em três ou de quatro em quatro meses, se faz o ajuste em função do preço internacional.

Muito se fala sobre a importância da Petrobrás e da cadeia produtiva do petróleo e gás para o projeto nacional de desenvolvimento do Brasil, especialmente em relação à indústria. Quais ações você defende que sejam implementadas pelo governo e direção da Petrobrás, com o objetivo de apoiar a retomada do desenvolvimento econômico?

Tenho mostrado em minhas palestras o modelo norueguês, que é um bom exemplo. Até a década de 70, a Noruega era o segundo país mais pobre da Europa. Descobriu petróleo no Mar do Norte, criou a estatal Statoil e usou o petróleo para: melhorar a educação, a saúde, a tecnologia e o bem estar social. Criou uma reserva de mercado obrigando a compra de 70% dos produtos no país e se transformou no país mais desenvolvido do mundo. As empresas que exploram junto com a Statoil, pagam cerca de 84% de impostos. No Brasil, pela Lei 9478/97 - de FHC - se paga 30% em impostos e royalties. Assim a Noruega tem o melhor IDH - Índice de Desenvolvimento Humano - do mundo nos últimos cinco anos. E ainda tem um fundo soberano com cerca de 900 bilhões de euros para, quando o petróleo acabar, manter a qualidade de vida do seu povo. É o exemplo.

Por outro lado, a Nigéria, que descobriu petróleo na mesma época e, em maior quantidade do que a Noruega entregou a produção para a Shell e continua na miséria, vendo o seu petróleo se esvair. Assim, a nossa opção é usar bem o petróleo e nos transformamos em uma grande Noruega ou abrir mão para as multinacionais e continuar subdesenvolvido como a Nigéria, o Gabão, Angola.